

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO, 1882.

N. 2.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria provizoria do Centro Litterario, rua da Prainha 172, sobrado.

A commissão pede ás pessoas da corte ou do interior que desejarem ter a Revista, queiram enviar seus pedidos ao lugar acima.

Temos recebido os seguintes jornaes :

Do Rio de Janeiro — A *Revista Illustrada*, *Revista do Retiro Litterario* Portuguez (5 numeros) A *Ordem*, e o *Progresso* (3 numeros.)

Da Provincia — O *Fluminense* (Nietheroy) o *Vassourense*, o *Itatiaya*, o *Resendense*, *Echo da Magdalena*, a *Tribuna de Valença*, *Correio de Cantagallo*, o *Arauto*, o *Monitor Fidelense*, e *Monitor Campista*.

Provincia de S. Paulo — *Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, o *Nortista*, o *Diario da Tarde*, *Gazeta de Taubaté*, *Rio Branco*, o *Tempo*.

Provincia de Minas Geraes — O *Echo do povo*, o *Arauto de Minas*, o *Leopoldinense*, o *Rio Branco*

A' todos estes collegas agradecemos, não só a permuta, como também as benevolas expressões.

Em vista da grande affluencia de artigos, a commissão de redacção e censura pede aos Srs. associados que remetam seus trabalhos sómente até o dia 5 de Janeiro afim de serem publicados no 3º numero da Revista.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO



Rio, 15 de Dezembro de 1882.

VOLTAMOS!

E o nosso primeiro vôo foi saudado por todos aquelles que souberam, com justiça, avaliar os nossos esforços.

É que as idéas sãs e uteis, são, e serão sempre, apoiadas pelos homens justos e honestos.

E nós traduzimos essas saudações e esse apoio, como um animador — avante! — que se nos dirigia.

Eis porque voltamos.

Voltamos a caminhar pela senda espinhosa da litteratura, a trabalhar á sombra benefica da nossa divisa, porque disseram-nos, e nós o acreditamos, que d'esse ingente esforço resultará infallivelmente um grande resultado: — o robustecimento dos nossos debeis musculos, para, mais tarde, estarmos habilitados a praticar maiores commettimentos.

Voltamos a esvoaçar nas lucidas regiões da poesia,

porque, como avesinha implume que somos, queremos — e o querer é poder — que as nossas nascentes azas se desenvolvam a tal ponto, que nos permittam dar mais numerosos e amplos vôos.

Voltamos, finalmente, a manifestar as nossas poucas aptidões intellectuaes, porque, acoroçados pelos vossos applausos, ousamos afirmar que o nosso labor é em prol da patria querida; pois o engrandecimento d'ella será tanto mais rapido, quanto mais depressa seus filhos instruirem-se reciprocamente.

Voltamos, pois.

E, ao fazermos nossa segunda apresentação, sentimo-nos mais animosos, porque tivemos fraternal acolhimento, por parte d'aquelles, em cujos corações generosos, replectos de bondade e justiça, não ha lugar onde se aninhe a pessima qualidade que inspirou, a espirito mesquinho, uma interjeição de agoureira duvida...

★

Mas, uma vez que nos apresentamos de novo, devemos dizer, positivamente, quem somos.

Pois bem, escutai: — Os collaboradores d'este modesto órgão, são jovens que, durante as horas diurnas, labutam pela manutenção da propria existencia, e que, sómente a noite, elles, audazes sonhadores, vão cultivar a sua intelligencia, conforme os diminutos recursos de que dispõem.

Elles constituem, emfim, parte da mocidade que, na phrase eloquente e simples do grande Xavier de Novaes, tem

*De dia a mão no trabalho  
De noite o livro na mão.*

Merecem, portanto, benevolencia.

★

Vamos, para terminar honrosamente, cumprir um grato dever:

Collegas e mestres! — Vós que soubestes comprehender a justiça da nossa ambição; — vós que nos animastes a proseguir na realisação de nossos práticos intentos; — vós, estrénuos defensores das nobres causas, illustres jornalistas: — aceitai o nosso sincero reconhecimento e ficae certos de que as palavras affectuosas que nos dirigistes, não cahiram em terreno ingrato.

Essas palavras, que já fizeram germinar em nossos corações uma sublime virtude — qual é a da gratidão — servir-nos-hão ainda, não só de vivificante alento, como também de fortissima couraça, com a qual resistiremos aos rudes e formidaveis golpes da adversidade.



## O PLAGIARIO

Não é um mytho, um sonho, um ente imaginario,  
 porque vegeta e cresce; existe, o plagiario!  
 Elle é qual parazita que enrosca-se ao arbusto  
 e a seiva lhe absorve, a florecer sem custo!  
 E' qual salteador que vai pedir á estrada,  
 a incauto viajante, a bolsa recheiada!  
 Qual frade cachuado que, em — santa — quietação  
 espera que lhe sirvam a gorda refeição,  
 assim, o plagiario espera que, o talento,  
 lhe supra, ao rude espirito, o pasto succulento!

\*

Abre, ao acaso um livro (sem lhe buscar autor)  
 e, se depara n'elle *conceito* a seu sabor,  
 copia-o no *canhenho*, e em propria occasião,  
 impinge o tal conceito, por sua creação!  
 De tudo que ha selecto, em prosa e poesia  
 a *pieuvre* litteraria se apossa e se apropria!  
 Se passa conversando, acaso, um erudito,  
 elle segue-o mansamente, a vêr se apanha um *dito*:  
 Se está parado, além, um grupo de lettrados,  
 eil-o de ouvido attento, á cata de — *apanhados*.

\*

Percorre as praças publicas, hotéis e botequins,  
 e faz ampla colheita das phrases mais *chinfrins*:  
 e já de *apontamentos* tendo o *canhenho* cheio  
 lá vai impor de *sabio* com o talento alheio!  
 Nos bailes, no intervallo, e dando o braço ao par,  
 então despeja o *cesto* que encheu a plagiar;  
 e bem feliz será o pobre autor roubado,  
 se, o pensamento seu não fôr *assassinado*!  
 Lá junto do piano, quando ha recitativo  
 eil-o peripatetico, exotico, reflexivo,  
 que em largo — gesto ousado, — recita como seu  
 o — «minh'alma é triste» — do malogrado Abreu!

\*

Não! Não é mytho, um ente imaginario,  
 pois, entre alheios livros, se fórma o plagiario!  
 Elle não é mendigo que implora a caridade,  
 mas é bandido vil que ataca a propriedade:  
 tambem não é valente que ataque á mão armada,  
 mas é rato damnhinho, que rõe pela calada!  
 Não é um mytho, não: vegeta em cada esquina,  
 porque brota do lodo do esgoto, da sentina!  
 E' ente indefinivel: não tem classificação;  
 é quasi paradoxo, é quasi aberração.  
 Da humana condição gosa por incidente,  
 e o seu proprio viver é um plagio permanente!  
 Espirito rebelde ás lettras e á luz,  
 é qual terreno ingrato, que nem cardos produz.  
 Craneo obtuso ao livro, ás lettras refractario  
 plagia inutilmente o inutil plagiario!

DUARTE PORTO.

## IDEALISMO

A' ABEL PORTO

É bella! os olhos fulgentes,  
 Pela igualdade da cor,  
 Dão a saphira um valor  
 Que não tem os seus lusentes!

A bocca — é ninho de amor.  
 Em seus sorrisos frequentes,  
 Deixa ver uns alvos dentes,  
 — Perolas de alto lavor.

Longos e louros cabellos  
 Cahindo em grossos novellos  
 Vem cobrir-lhe o farto seio!

E' bella! mas... triste sina!  
 Desforma a pobre menina  
 Um pé — trinta e seis e meio.

M. DE MIRANDA.

## O Zé Povinho

É elle, e é quanto basta.

Se é bom?

Pacifico?

Mau?

Desordeiro?

Amante das instituições?

Observae-o e vereis que é tudo isso.

Vêde-o, em mangas de camisa, a trabalhar alegremente, e a cantar, em quanto grossas bagas de suor lhe cahem do rosto.

Esse é o Zé Povinho, o genuino.

Esse é o Zé Povinho, bom, pacato e amante das instituições.

Olhae agora.

Lá pôz um chapéo á banda e eil-o que caminha bamboleando-se todo.

Já não é o mesmo, é um outro.

O prazer d'este é fazer guerra (guerra?... ) é levantar um obstaculo á marcha do progresso.

E' desordeiro, mau e revolucionario, se revolucionario se pôde chamar áquelle que faz mal por indole e não em proveito de uma idéa.

Esse Zé Povinho é o Zé Povinho bandido, o Zé Povinho assassino...

Uma mancha, emfim, na sociedade.

Eis que se transforma de novo.

Agora *deitou* sobre-casaca.

Faz um discurso.

E' o Zé Povinho orador.

Não vive senão de hyperboles.

O seu almoço é o pão...do espirito.

O seu jantar, quatro flores de rhetorica, em falta do fructo, porque a rhetorica é uma arvore que só dá flores e não dá fructos.

Quando o Zé Orador falla, é para se enganar a si proprio, para desviar a attenção da fome que o tortura.

E por isso, falla sempre.

E' o Zé Povinho martyr.

Sacrifica-se para fazer discursos áquelles que o apreciam.

E' desgraçado, mas não o mostra, nem o diz.

N'isto é que está a sua gloria.

\* \* \*

Bem! Agora calou-se.

Pegou na penna:

Escreve.

Que escreverá elle?

Versos!

E' o Zé Povinho poeta, sonhador, pensador inoffensivo.

Vive dos seus sonhos, o que não se pode chamar vida folgada.

Adora todas as mulheres.

Porém não é por ahi que se o conhece.

Aqui estou eu que tambem adoro as mulheres e, entretanto, não sou poeta.



E' apenas questão de gosto.

E' feliz esse Povinho!

Vive cantando.

Canta sonhando.

Sonha pensando.

Pensa rimando.

Rima adorando.

Adora mentindo.

Mentindo sim, por que os poetas antigos (que só o eram quando amavam) estabeleceram essa praxe e os modernos que não encontram quem os ame, por falta de *quorum*, inventaram o amor... de rhetorica.

E eil-os a cantar.

Canta, Zé!

Canta! Vai cantando, até que um dia dançarás.

Teu corpo se embalará na languidez da walsa, quando um dia deixares de cantar.

Canta, pois, oh! Zé!

Canta, que o cantar consola, a consolação avigora, o vigor dá saúde e a saúde cura as manias.

Canta, pois, oh! Ze!

Tiremos o chapéo. \* \* \*

Façamos a continência.

Ahi vem o Zé Povinho.

Mas... cuidado!

Não o chameis de Zé.

Seria uma desgraça, para vós.

Vem de casaca.

Tão empertigado assim, quem o conhecerá?

Só Deus... e a humanidade.

Elle é claque.

Botinas de verniz.

Bigodes encerados.

Pastinhas.

Cheio de curvaturas.

Emfim, é o Zé Povinho aristocrata.

Elle não quer que se diga que elle é Zé Povinho... mas...

O que se hã de fazer?

A verdade, manda Deus que se diga.

Por isso, eu repito aqui:

E' o Zé Povinho!... o graúdo!

O Zé Povinho fidalgo!

O Zé Povinho renegado!

Tenho a cartilha do meu lado.

O meu advogado é o cathecismo.

Confiado na sua eloquencia é que eu repito:

— E' o Zé Povinho.

E' como a mariposa:

Vive a esvoaçar em torno das luzes.

Por isso, vive de noite.

De dia não vive, — dorme.

E quem dorme durante o dia, é um rebelde ás leis do trabalho.

E' um ocioso.

E quem é ocioso é um ente inutil.

E um ente inutil dá prejuizo á sociedade.

Portanto, abaixo o Zé fidalgo!

Abaixo o parazita!

ABEL PORTO.

## BOA DESCULPA!

Avistando certo pintor  
Uma formosa donzella,  
Dirigiu-se para ella  
E lhe fallou com ardor:

— E's de belleza um primor!

« Tua face linda e bella

« Daria esplendida tela!

— « Meu anjo!... Querido amor!... »

E a donzella respondeu:

— Pensa o Senhor que eu

Sou d'essas mulheres *à toa*?!

— Senhora! amando o bello

Só desejo-a p'ra modelo

E nada mais... Essa é boa!

Rio, 15 de Dezembro de 1882.

J. L. REIS.

## UM CASAMENTO NA ROÇA

(Conclusão)

Todos tinham uma occupação e demonstravam no rosto uma alegria exemplificativa de vivo contentamento.

Oh! a festa, pelo que viamos, devia ser maravilhosa!

De quando em quando chegavam convidados de todas as espheras d'aquella sociedade essencialmente provinciana.

Rangia uma porteira, abria-se e apparecia o vulto meio risonho do Sr. Athanasio, que exhibia a sua casa-quinha de velludo dos ultimos annos do seculo passado; e ao seu lado, sua irmã, D. Barbara Generosa, senhora que nunca se tinha casado, e que fazia visivel, abaixo do seu rosto enrugado, o seu chale-vermelho que lhe dera um dos seus pretendentes, aqui ha uns trinta e tantos annos atraz.

Rangia de novo a porteira e lá apparecia o vulto barrigudo e espaçoso do Sr. Bonifacio Antunes, influencia do partido liberal e subdelegado do lugar.

E todos eram assim pouco mais ou menos.

A's quatro horas da tarde chegaram os noivos, casadinhos de fresco. Elle, o Quincas Barboza, um rapagão bonito, com um bigode louro que lhe enfeitava o rosto, estatura elevada, e os hombros espadados; ella, a Isabelinha, como lhe chamava a gente do lugar, era uma das mais lindas raparigas d'ali. Os seus cabellos eram tão negros e brilhantes como os seus formosos olhos, o oval do rosto bem contornado, um sorriso pequeno que sempre lhe brincava nos labios e ao mesmo tempo um certo ar de candura, formavam um conjuncto que podia equiparar-se ao rosto dos mais formosos anjos.

Ainda bem os dois *pombinhos* não tinham chegado ao meio do terreiro e já todos eram prodigos em manifestar-lhes suas congratulações, em apertal-os com seus abraços, e em cobril-os de flores. Das moças, aquellas mais anciosas do casamento, vi cercarem os novos conjuges na porteira sómente para não perderem a *primeira vasa*, e entre ellas distingi D. Barbara Generosa, com seus sessenta annos bem seguros.

A's cinco horas da tarde serviu-se o sumptuoso jantar, cujo *menu* furto-me ao trabalho de descrever; sómente direi que alli não faltava o *senhor-leilão recheiado*, figura



principal de todos os jantares, e o *senhor perú*, muito digno representante da familia gallinacea.

O jantar foi succulento! Imaginem que aquellas deliciosas iguarias foram preparadas pela mão magica de D. Joanna, que tinha fama n'aquelle lugar e suas immediações de mestra de tudo quanto pertence á arte culinaria!

Intercalado de saudes as mais interessantes, o jantar terminou debaixo de modinhas, discursos, hipps e hurrahs!

O professor publico Claudio Pestana, depois de pedir a palavra como se estivesse em uma sessão parlamentar, arengou por espaço de meia hora, umas cousas, sempre cheias de lisonjas á D. Isabelinha, taes como: Estrella rutilante das florestas! Brilhante engastado no firmamento dos Pilões!.. (Este é o nome do lugar.)

Succedeu-lhe o vigario, que encheu o auditorio de tanto latim, que D. Barbara e D. Joanna, contrictas e ajoelhadas, já resavam a um canto!

Findo o jantar todos passaram para a sala do baile.

Os rapazes tratavam de cabalar pares para as sextas e oitavas quadrilhas, porque para as precedentes já haviam contractos de semanas e mais semanas transactas.

D. Luizinha, uma moça muito bonita e sempre muito risonha, pousou os dedos nas teclas e dedilhou uma polka. D'ahi a pouco já os pares revolteavam pela sala, acompanhando as notas compassadas do piano.

Depois as walsas! depois as quadrilhas! Era um *zum-zum*, um alvoroço e uma alegria geral!

Deram nove, dez horas, e a animação da festa progredia acceleradamente.

Instantaneamente os que não dançavam saltaram para o terreiro e n'esse grupo ia eu, sedento de curiosidade,

Os escravos tinham *rebentado* um *jongo*!

As mulatas e as, crioulas saracoteavam! Os pretos pulavam e tocavam o *Cachambú*, que é um instrumento exotico, que me não dou ao trabalho de descrever.

Então principiaram as cantigas as mais burlescas e originaes....

Após a cantiga dos pretos, a gargalhada dos que rodeavam o centro onde aquelles se divertiam.

E na sala as quadrilhas precediam ás walsas!

O piano parecia-me tocado por outrem; fui ver: era o Sr. Simão, que, sabendo somente tocar mal e de ouvido, collocava na sua frente uma polka e exhibia uma quadrilha!

Este Simão era uma excepção entre os que alli se achavam.

Na occasião em que o nosso *maestro moia* o seu repertorio, um grito agudo repercutio por toda a sala.

A noiva, tendo-se descuidado, deixara o fogo de uma vela passar para a sua grinalda.

E' escusado dizer que houve *faniquito*.

A dança dos escravos continuava animada, quando um grupo de rapazes invadio o centro onde aquelles se achavam reunidos e cahiram no *quebradinho*!

O Dr. Lulú, afamado esculapio do lugar, apoderou-se do *Cachambú* e executou uma... uma variação ou cousa que o valha.

— Bravos ao Dr. Lulú! exclamavam os expectadores.

— *Bravô sô moço dotô!* extropiavam os escravos.

No momento em que votavamos nossa attenção ao *jongo*, ouvimos os gemidos de uma viola que partiam de um lado do terreiro. Tinha *rebentado* um *cateretê* com toda

a magnificencia exigida n'aquelle genero de divertimento.

O grupo era composto de tropeiros e trabalhadores portuguezes, homens e mulheres, aggregados do Capitão Sá.

Formou-se a roda e o *batuque* começou, seguindo-se as cantigas em desafio.

Lá dentro, na sala, dançavam uma quadrilha. O Dr. Lulú marcava:

— *A' esquerda! Balancez em casa! Tour!*

Aqui escorregava um, acolá gemia outro dos calos.

— *Caminho da roça!* gritava entusiasticamente o Dr. Lulú; *jararaca, nossa Senhora! Volta que tem maribondo! Caiu a ponte! Pererêca! Apanha laranja!*

E os cavalheiros com suas damas em *grand promenade* barafustavam para o terreiro á cata das laranjas...

Por sua vez os escravos tambem não desanimavam. O *jongo* tinha redobrado de entusiasmo, porque tinham se apresentado escravos de fazendas visinhas.

No *cateretê* brilhavam o Manduca-feitor e o Cazusa-tropeiro com as suas cantigas espirituosas, que finalisavam cobertas por desenfreadas salvas de palma.

— Muito bem! muito bem! dizia um entusiasta: *vancês são uns lébas* para cantar, e dançam que faz um gosto! Seu Manduca, parabêns, gostei!

— Ora, meu amo, *antonce* Vmc. ainda não viu nada!

— Bravo, seu Manduca e seu Cazusa!

— Bravos!

Seguiu-se depois uma quantidade de commentarios.

Uns diziam ser o Cazusa melhor cantador, outros opinavam pelo Manduca: havia questões, mas tudo terminava em paz.

Eram cinco horas da manhã; já muitos convidados se haviam retirado e eu entendi que deveria fazer o mesmo.

Procurei o capitão Sá e não o encontrando, dirigi-me á D. Luizinha:

— D. Luizinha, tenha a bondade de dizer-me onde se acha o capitão?

— Pois não; está n'aquelle quarto, respondeu-me ella, designando a direcção; não faça cerimonia.

Dirigi-me para o lugar indicado e... o que fui encontrar?

O capitão, o vigario, o Bonifacio Antunes e o Pestana que jogavam a *bisca*, entremeada de discussões sobre politica e de ditos agudos e anedoctas picarescas, com que se riam a bandeiras despregadas.

— Sr. capitão e meus senhores, bom dia. Venho despedir-me e agradecer-lhe...

— Pois que? Já se vae tão cedo? interrompeu-me o capitão.

— Cedo?... Na verdade é cedo: são cinco horas da manhã...

— O que me está dizendo?!

— E' a pura verdade.

Despedi-me e sahi.

Tres dias depois partia para esta Côrte, trazendo commigo as mais sentidas saudades e tendo ainda em recordação, como até hoje, aquella esplendida festa do capitão Sá.

E ainda me estão bem vivas na memoria as suas ultimas palavras quando me despedi definitivamente:

— Ganhe muito dinheiro e venha para cá; não ha nada como o viver placido e commodo n'estas mattas!

AVELINO LISBOA.



## A Antonio Rodrigues Sampaio

Rosto risonho, que no mar da vida,  
Apresentavas ao rico e pobre!  
Brilhante astro da imprensa q'rida!  
Quem é o rival do teu peito nobre?

Tu trabalhaste! Mas gloria infinda  
Adquiriste pelo teu talento!  
Os portuguezes por tu'alma, ainda,  
São fervorosos a todo o momento!

Já não existes! Mas não repousa  
O teu espirito na immensa gloria?  
Teu corpo jaz sob a dura lousa?  
E o teu nome? — Na brilhante historia!

Se foste servo d'um governo atroz,  
Que não brindou tu'heroica acção,  
Quando brandindo o teu ferro algoz  
Vi o valor do teu coração.

Mais tarde foste n'esse jornalismo  
O Rei das letras, o Heroe das phrases!  
Algumas d'estas... raro heroismo!  
Nas nossas mentes conservadas trazes!

Ganhaste o campo da celebridade!  
Ganhaste a honra, porque foste audaz!  
Puniste sempre pela liberdade!  
A tua alma na gloria jaz!

Descança, Heróe, n'essa impirea altura,  
Junto aos anjos, porque anjo és!  
Roga ao Eterno e á Virgem pura  
Por tua patria que tens sob os pés.

15 — 12 — 82!

JOSÉ MANOEL CARDOSO FRAZÃO.

Traços geographicos do rio DOURO portuguez e  
alguns biographicos da sua marinhagem

## CAPITULO II

(Continuação do numero anterior)



DISSE no numero 1º da nossa modesta folha que o Douro nasce na Hespanha e desagua em S. João da Foz, povoação que faz face (a leste) ao mar, passando-me, no entanto, despercebido o numero dos seus afluentes. Estes são, na margem direita: — o Paiva, a 30 kilometros do Porto; o Corgo, fronteiro á villa da Régua, afamada terra dos vinhos do Alto-Douro, aonde os laboriosos na cultura vinhatica fazem os seus depositos geraes, 70 kilometros distante do Porto; e o rio Agueda que divide Portugal de Hespanha, a 190 kilometros do termo do Rio Douro.

Na margem esquerda, são: o Sabor, cujas margens são notaveis pelos bons melões e apreciaveis melancias, distante do Porto 160 kilometros; o Tua a 110 kilometros, e o Tâmega a 35 kilometros da nossa cidade invicta.

Todos estes confluentes do Douro têm a denominação de rios, porem nenhum d'elles é navegavel, e só o Tâmega e Sabor concedem passagem a pequeninos barcos, feitos expressamente para o trabalho da pesca, fornecendo aos pescadores o fructo que o Douro conservava em seu seio e que lhes deixou quando os engrandecera com as suas abundantes aguas.

Estes afluentes tem a sua origem no cume das mais montanhosas provincias que fazem face ao Douro e percorrem grande distancia por entre montes, valles, campos e rochedos, regando diversos terrenos situados nas suas margens, e recebendo de outras immensas correntes de agua que, de ordinario, têm a sua nascente em alguma rocha existente nos proprios campos, de forma que, engrossados assim, bramam atrozmente quando se precipitam de algum despinhadeiro nas medonhas cataratas do seu leito.

Depois, como o misero trabalhador cansado das lides quotidianas, procurando um repouzo ao fatigado corpo, formam a sua foz e entram no Douro subtilmente, qual outro prodigo nos braços de seu pae, que o recebe com afaveis carinhos!

E assim descança n dos soffrimentos que receberam durante o largo decurso de sua longa viagem.

Dizem então os marinheiros do Douro que as suas aguas, por mais immundas que sejam, repletas de barro, de homens que foram victimas de algum naufragio, de animaes putreficados, etc., etc., não são nocivas á saúde em consequencia de serem muito batidas nos innumeraveis rochedos que o Douro em si contém; (!) e os viajantes que transportam o Douro, pela via fluvial, fiados n'aquella lenga-lenga preferem a agua d'aquelle rio á de qualquer fonte de agua limpida e pura!

O marinheiro ou transeunte do Douro que, por casualidade, está bebendo de sua agua na occasião em que perto d'elle passa um morto, não deixa de beber.

Todos os costumes d'aquella gente tornam-se bastante graciosos para todos aquelles a quem a natureza dotou com mais alguma intelligencia. E como são costumes quasi hereditarios, apontarei alguns de maior importancia:

Todos sabem que o Douro tem sido o algoz de milhares de individuos submergidos nas suas aguas!

Pois bem. Qualquer d'essas victimas conserva-se no fundo do rio por espaço de seis, oito ou quinze dias, findo os quaes sóbe á flor d'agua obrigada pela sua força, assim como segue Douro abaixo obrigada pelo impeto da sua fortissima corrente.

Eis que o marujo se acha á beira do rio, e, aferrado á pessima crença jesuitica na occasião em que o morto passa, principia a chamar por elle:

«Manoel! José! Antonio! Francisco! João! Joaquim! Anda a sagrado! Vem á terra abençoada por Nosso Senhor Jesus Christo! Anda te enterrar, irmão! Terás por tua alma uma missa de corpo presente!»

E o marinheiro não deixa de pronunciar quasi tantos nomes quantos existem na celebre folhinha ecclesiastica, até que o morto, cahindo em algumas das resacas de aguas das muitas que o Douro tem, volta, á terra, se não mais perto, mais distante do credulo marinheiro, o qual assevera — o morto vir á terra por ouvir as santas palavras que elle havia proferido antes, affirmando que, se não veio antes, foi em consequencia d'elle (marinheiro) não acertar primeiro com o nome d'elle (!) e eil-o prompto a jurar, se fôr necessario, que o morto se chama... por exemplo — Pedro — o ultimo nome que proferira! Mas, se o morto vae no fio da corrente, a qual não o deixa torcer para algum dos lados, o marinheiro, depois de se cançar em chamar por elle, e sem obter o minimo resultado, tira a seguinte conclusão: — que o pobre fallecido, ou por não ir á missa, ou por não se confessar, ou por deitar agua no vinho, ou por ludibriar os companheiros na sua ração de sardinhas, — é excommungado (!) e deixam-n'o ir pela agua á baixo! E' que elles entendem, que o morto, sendo catholico-apostolico-romano, tem a restricta obrigação de vir procurar a terra que lhe deu o ser, tão sómente pela influencia das suas santas palavras!



— O que é a ignorancia!!

Após a ignorancia têm os marinheiros o duro trabalho quotidiano, e muitas vezes, obdecendo cegamente ao fornecedor do alimento de suas esposas e tenros filhos, trabalham de noite, encontrando a cada passo a terrível fouce da medonha parca! Faz estallar de compaixão, ainda os corações mais rebeldes, o seu trabalho na estação do inverno: — Logo ao amanhecer, levantando-se da cama *tarimba* em que todos, como a sardinha em barrica, passam as rigorosas noutes de tempestade, pegam na corda que se amarra ao barco, vão puxando este até ao ponto do seu destino necessitando para isso tirar a neve amontoada na mesma corda, para poderem enroscá-la nos seus fortes braços, não obstante ficarem em certas ocasiões com os musculos entorpecidos pelo tormentoso frio! Em compensação temos os seus rostos alegres constantemente, pairando um riso animador em seus labios, e as suas faces enrugadas, mas coradas, dão a conhecer que possuem corações sublimes e cheios de bondade. — Consideram-se felizes!

— Ao passo que no inverno soffrem, no estio gozam: a *vella* tira-lhes grande parte do seu trabalho, e de noute, quando em viagem para o Porto, entoam aquellas apreciaveis modinhas uzuaes no *Douro*, como: os *fados maritimos*, *Lisbonense*, *Conimbricense*, *Portuense*, *Caninha-verde*, *Senhor da Serra*, *Regadinho*, e varias outras em que elles são mestres, e o ecco produzido por aquelles agradaveis sons vae repercutir-se no cerebro dos habitantes das margens do *Douro*, como as agudas e melodiosas notas do nosso decantado rouxinal.

Que bellissimas noutes de luar!!  
Que ternos encantos de poesia!!

(Continúa.)

J. M. CARDOSO FRAZÃO.

15 de Dezembro de 1882.

### EM VIAGEM

**R**EALISOU-SE a primeira das maguas minhas que trago:  
— Aqui um bosque e um lago e a noite por conselheira.

Da lua a luz prateada  
boiava no lago manso,  
como a donzella em descanso  
por visões arrebatada.

Lembrei-me do lar: saudoso,  
as aguas fitei, choroso,  
d'esse lago adormecido,

E vi, então, soluçante,  
de minha mãe tão distante,  
o rosto meigo e querido.

A. M. DUARTE PORTO JUNIOR.

### OS LIVROS

**O**s livros são os melhores companheiros da velhice, assim como o papel e a penna, os verdadeiros amigos da mocidade; os livros são ainda os inspiradores d'esta.

La Fontaine, quando era moço, ouvindo lêr um

trabalho poetico de Malherbe, exclamou: « Eu tambem sou poeta! » Despertara-se o genio do fabulista.

Quantos pensadores e letrados não devem aos livros a sua illustração?

A leitura não faz só com que os homens se instruem; faz ainda com que entrem com zelo nos negocios serios da vida.

Com bastante verdade se diz: « Os bons livros parecem-se com ás boas acções. » A razão, é porque dilatam e liberalisam o espirito.

O livro foi, é, e será sempre, o amigo fiel do homem.

J. A. DE SOUZA LAURINDO.

4 — 12 — 82.

### SONETO

O. D. C.

AO CENTRO LITTERARIO

**A**postos litteratos! á tribuna!  
A's lides do progresso e da razão!  
Vós combateis em prol da civ'lição,  
Como outr'ora Pethion pela Communa.

Sois de talentos a maior columna  
Conductora do facho da instrucção!  
O ideal do povo... A sua aspiração  
E' que a ideia vos ligue e vos reúna

Sahindo de uma esphera acanhada,  
Saúdo do progresso a alvorada  
Tão clara como o fóco planetario.

E pois, commigo, oh! erente mocidade,  
Dai um viva á imprensa e a liberdade,  
E um outro, enorme, ao *Centro Litterario*

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1881.

CARLOS DA COSTA FONTELLA.

### A ROMARIA DO SENHOR DE MATTOZINHOS

**E**NTE as muitas romarias que, ainda hoje, é uso fazer-se em Portugal, esta, a chamada do « Senhor de Mattosinhos », é sem duvida das primeiras, não só pelo modo singular de reflectir o character da nacionalidade portugueza, como particularmente por ser das mais concorridas e apreciadas. Notam-se no concurso d'aquella grande festa camponios de todos os lados d'aquella velha terra, representando os vestidos de cada provincia nas roupas absolutas com que se apresentam nas occasiões de gala; de modo que parece ao observador que vai vendo passar as idades n'aquelle modesto *carnaval*, se assim podemos nos exprimir.

Avistam-se no meio da turba verdadeiros typos, anchos da grandeza que arrotam com aquelles trajos de domingo, vestidos de amplas calças de *saragoça*, collete de sêda lavrada, casaca, ou antes *jaqueta* de grandes alamares, e em cima de tudo isso, dominando aquelles montes de povo — e salpicando o horisonte, as cartolas portuguezas, as celebres cartolas de amplas abas e de copa caprichosa, que são-nos objectos de



sancta veneração, pela quantidade de gerações que qualquer dellas representa.

As mulheres, de vestidos apanhados, deixando vêr as classicas *saías de baêta*, andam direitas a modo de *vilrines* ambulantes, com o pescoço vergado sob o pêzo de enormes *arrecadas* de ouro, grandes corações pendentes das orelhas á maneira de brinco, e as cabeças encimadas por chapeusinhos prezos por lenços de cassa e ornados de espelhos pequenos que refrangem em todo o sentido os raios da luz.

Em tudo aquillo, entretanto, reina um tal cheiro de sancta espontaneidade, e de virtuosa moralidade, que se não fossem os apertos e os empurrões a que fica sujeito o corpo de uma pobre creatura atirado n'aquelle meio, eu ainda hoje fallaria com saudade d'aquella sympathica festa, em vez de jurar, como o fiz, de não mais tornar alli nos dias de romaria.

Foi causa d'esse meu protesto, um pequeno incidente de que fui victima, a ultima vez que lá fui.

Iamos, eu e dois amigos, e, depois de muito esforço empregado para vencer a onda compacta da multidão, conseguimos chegar ao adro da igreja, repleto de homens e mulheres, onde, á falta de policia, policiavam dois honrados lavradores do lugar, encostados bisarramente nas suas grandes espingardas.

Aqui, uma mulher com um cantaro á cabeça e um copo na mão gritava:

« Agua fresca !... » Ali uma vendedeira de doces:

« Olha os bons doces de Paranhos, freguez !... » Um italiano encostado ao seu panorama chamava a concorrência com estas palavras:

« Tuto ló mundo por uno vintem !... »

Deixámos tudo isso e aproximamo-nos da igreja... ah! mas outro espectaculo chama-nos a attenção: é uma mulher que está vendendo brinquedos e a quem dois garotos empalmam dois assobios e fogem seguidos da pobre mulher que corre chorando a vêr se os alcança. Mas emquanto ella corria atraz dos dous rapazes, outros aproximavam-se da meza e filavam o que melhor podiam; isto fez-me rir, e abandonamos este lugar para vêr se entravamos na igreja; mas era impossivel: as devotas postadas nas portas e a multidão que enchia a igreja, tornavam difficil a entrada.

Fomos á *casa dos milagres*. Ahi um espectaculo soberbo offerecia-se ás nossas vistas: uma mulher pesava-se na balança (que alli tem para os devotos), e o sachristão dizia-lhe que pezava dez arrobas.

— Mas como póde ser isso?... — gritava a mulher — « pois eu pezei-me a semana passada lá na freguezia e pezava só quatro arrobas e meia, e ago'a pezo dez ! »

— « Mas a aenhora tire essas *arracadas* que pezará menos ! » — disse o sachristão.

— Tem razão !... respondeu a lavradeira tirando as *arrecadas* do pescoço e enfiando-as no braço. — « *Beja lá quanto peso agora !...* »

— O mesmo, — disse o sachristão, — pois a senhora está com as *arrecadas* no braço; de-as a alguém p'ra segurar, e verá como peza menos. —

— Eu dál-as !... gritou furiosa a lavradeira, — toda a minha fortuna !... Abrenuncio !

— « Pois então queira retirar-se que têm mais gente para se pezar. » —

Com effeito, o povo começava já a murmurar.

A muito custo conseguiram tirar a mulher da balança, pois não queria sahir sem pezar as quatro arrobas.

Sahimos d'este lugar e dirigimo-nos para as barracas de *peixe frito* e vinho verde; aqui n'uma taboleta lia-se: « ao Vom Binho » ali outra: — « Come-se e Veve-se » — e muitas outras, mais curiosas; viam-se alguns amantes de Baccho estirados debaixo d'algumas pipas saboreando os effeitos da embriaguez; outros convidavam os seus amigos: « *Olá! ó Zé! veve um qartilho de berde, não faças ceremonias!* »

Fomos á feira de louça; isto sim: — boas mulheres são as d'Avintes e Penafiel que vêm vender louça a esta romaria!

Um dos meus companheiros não tirava os olhos d'uma vendedeira de louça, moça de olhos azues, etc.

Depois de termos admirado todas as curiosidades d'este arraial, e cheios de callos nos pés, cansados de tanto andar, resolvemos ir embora e voltamos pelo mesmo caminho.

Mas o melhor estava destinado para o fim !...

Quando passava-mos perto d'uma roda de dança (canna verde), eis que sinto pizarem-me o pé com tal brutalidade e força que dei um agudo grito de dôr que foi acolhido das gargalhadas de todos os espectadores d'esta scena.

Era um enorme *sóco* d'um lavrador que pelos effeitos da embriaguez caminhava cambaleando.

Foi tão forte a dôr, e a vergonha que senti, que fiz o juramento de nunca mais ir a romaria do Senhor de Mattosinhos.

JOÃO J. PINHO E SILVA.

## A PRIMAVERA

P OETAS! A primavera  
Vem alegre em suas festas,  
Espalhando pelos ares  
O aroma das florestas.

Meiga, gentil, formosa,  
Coroada de mil flores,  
Ella traz doces saudades  
A quem se nutre d'amores.

Ora pousa nos outeiros  
A contar-lhes seus segredos,  
Ora passa do mansinho  
A beijar os olivedos.

As avesinhas ainda  
Se conservam nos seus ninhos:  
Só raras vezes se ouve  
O piar dos passarinhos.

E, quando o sol despontando  
Além, nos mostra o clarão.  
A natureza em seus hymnos  
Salva o rei da criação.

ALVARO BAPTISTA.



## O ANJO DO LAR

A D. ANTONIETTA D. PORTO

Eu vi um anjo louro meigamente  
gentil, sobre o tapete, ajoelhado,  
que todo entregue á fraternal cuidado  
banhava as plantas de um irmão doente!

Tinha tanta poesia commovente  
aquelle quadro vivo e animado,  
que eu senti meu peito asoberbado  
da angelica vizão resplandecente,

E todo absorto na ideal miragem  
julguei ver-lhe nos hombros divinaes  
as niveas azas e prestes a vôar!

Tu és, anjo de Deus, candida imagem,  
da doce Providencia dos mortaes,  
divina Caridade, — anjo do lar! —

ARARY.

## PENSAMENTOS

Assim como o coração é a pendula do nosso corpo, também a intelligencia, é a do nosso espirito.

A guerra é uma fêra, e a civilisação deve encarregar-se de domal-a.

A humanidade, é uma luta constante da vida pela vida.

O homem ignorante, é como uma vela sem pavio.

O plagiario, assemelha-se muito ao papagaio.

LUCRECIO DE OLIVEIRA.

## A. D. CECILIA DE OLIVEIRA

DEDICADO

Cecy! Nome suave e harmonioso!  
Tão cheio de poesia, que ao ouvir-o  
julga-se ouvir enamorado trilo  
do doce thiê ou sabiá mimoso!

Tão brando como a brisa que cicia  
suspirando nos leques da palmeira:  
como harpejos de lyra brasileira  
enflorada de loira phantasia!

Quem tem tão doce nome, certamente  
tem o porte gentil, bell'alma ardente,  
irrada da luz das primaveras!

E sei que amas os — livros — e procuras  
librar teus pensamentos, nas alturas,  
das serenas e lucidas espheras!

Dezembro — 15 — 82.

NÊMO.

## LEMBRANÇAS DE TRAZ OS MONTES

Lembro-me ainda, e com amarga saudade, da minha terra querida. Eu era bem pequeno e brincava á margem do Tamega. Se apanhava no laço visgoso alguma incauta avesinha, corria orgulhoso e contente á mostral-a á minha santa mãe, que me reprehendia carinhosamente dizendo: « — Meu filho, não faças mal aos passarinhos, que também são creaturas de Deus. Sa-

bes tu se essa avesinha tem os filhinhos a chorar por ella e a esperar que lhe leve o alimento? Solta, meu filho, solta esse passarinho, e não apanhes mais nenhum, que isso é peccado, e o Senhor do céu pôde castigar-te. » Mas eu não soltei o passaro, e elle morreu de tristeza e de dôr. No dia seguinte, voltei a armar o visgo.

Saltei de contente quando vi preso o passarinho, e já vinha correndo para casa, quando uns rapazes, meus vizinhos, cercaram-me para tirar-me a preza. Resisti, lutei e defendi minha conquista: na refrega veio uma pedra certa e feriu-me na cabeça; cahi sem sentidos. Quando voltei a mim, estava estendido na minha cama e todo ensanguentado. Minha mãe velava cuidadosa á minha cabeceira, e me disse meigamente: « — Eu bem te dizia, Antonio, o Senhor do céu castigou-te porque teimaste em fazer mal ás avesinhas! »

Lembro-me ainda, e tenho amargas e crueis saudades d'aquella Santa querida, d'aquella idade feliz, e das margens risonhas do meu Tamega.

ANTONIO JULIO RODRIGUES.

## RECOMMENDAÇÃO

QUERIDA ESPOSA

Se petulante *Romcu*  
Réles, pinga, indecente,  
Perguntar ardentemente  
Qual seja o nome teu,

Responde com acrimonia  
(Com quatro pedras na mão)  
«Que não sabes se és Antonia,  
Rita, Rosa ou Conceição.»

E se elle reincidir,  
Manda-me então prevenir  
Por uma missiva tua:

Porque eu em lá chegando  
E o tal *typo* encontrando...  
... Zás! n'elle... Olho da rua!

Iêso.

## CASPITE!

I

Estava na penumbra. Mas ao longe eu vi-a  
Esbelta e donairoza.

II

Então segui-a

III

Parou.

IV

Parci.

V

Fitou-me com amor...

VI

Era a minha sogra

VII

Horror!

ABEL PORTO.